

FORTALECENDO AS POSSIBILIDADES DE SER E CONVIVER: UM RELATO DE PRÁTICAS DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA COM ADOLESCENTE

NAYARA VIDAL MORAES, Brenda.1
ELOÍSA DA SILVA, Jaqueline.2
FERREIRA, Lúcia.3
CALLERO RAINEKI, Sabrina.4
SILVA, Diocleide5

RESUMO

A adolescência tem amplas compreensões, seja a partir de uma compreensão biológica, seja por meio de um entendimento cultural. O entendimento comum é que é um momento de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizando assim um ciclo de perdas, lutos e desafios na formação de uma nova identidade. Por assim ser, cabe a Psicologia aproximar-se deste fenômeno e implicar-se com práticas que busquem dar suporte nesta transição, ampliando a consciência de ser e existir dos adolescentes de forma a empoderá-los na construção de uma autonomia responsável. Este trabalho é resultado de uma prática de Estágio Supervisionado em Psicologia realizado entre Agosto de 2016 e maio de 2017 com cerca de 28 adolescentes de 12 a 14 anos no CRAS do bairro XIV de Novembro na cidade de Cascavel/PR. As práticas foram realizadas em grupo, norteadas por meio de uma escuta qualificada e intervenções a partir do contexto sócio-histórico-emocional dos participantes do grupo, de forma a atender as demandas trazidas por eles. Como instrumentos que mediarão às intervenções tiveram-se técnicas de grupo, resgate da historicidade, atividades lúdicas, filmes temáticos, etc. Os resultados nos fazem perceber o fortalecimento do vínculo comunitário e familiar, atenuação do sofrimento e acolhimento das vulnerabilidades mostrando-se importante para o desenvolvimento sócio afetivo dos adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, Psicologia, Relato de prática, Empoderamento, Vulnerabilidade.

1. INTRODUÇÃO

A política pública da assistência social tenta garantir um apoio de quem dela necessita. Através da Constituição de 1988 uma nova visão se desbravou para esta política, tendo como objetivo sair daquela concepção tradicionalista e mostrar que é necessário que a sociedade garanta os seus direitos, garantindo assim as necessidades básicas, segurança para a sua sobrevivência, de acolhimento e o seu convívio familiar.

Com isso, surgiram programas e projetos para garantir que tais ações pudessem ser concluídas conforme a necessidade de cada população. O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) foi implantado em 2005, no país, organizando assim toda a questão política, reformulando a gestão,

¹ Acadêmica do oitavo período do curso de psicologia E-mail: bia_nayara9@hotmail.com

² Acadêmica do oitavo período do curso de psicologia E-mail: isaqdas18@hotmail.com

³ Acadêmica do oitavo período do curso de psicologia E-mail: lucia2edj@gmail.com

⁴ Acadêmica do oitavo período do curso de psicologia E-mail: sasah_raineki@hotmail.com

⁵ Professora orientadora de estágio complementar E-mail: diocleidepsi@gmail.com



promovendo ações para a contribuição de seus objetivos, o mesmo aderiu formas de proteção social, para famílias vulneráveis e com riscos em toda sua trajetória de vida.

O Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) é um estabelecimento público que estabelece a proteção social básica, que age na prevenção de situações de risco. O mesmo se localiza obrigatoriamente, em locais onde tem presença de vulnerabilidade e riscos sociais, sendo na questão familiar ou social. A unidade é responsável por serviços, programas e projetos que servem para potencializar a família, valorizando a particularidade de cada grupo familiar, fortalecendo seus vínculos e trabalhando com a interação social.

A intervenção das estagiárias tem como objetivo, um estabelecimento de vínculo para que assim possa gerar mudanças nas relações sociais, se tornando mais dignas, igualitárias e duradouras. Com base nesse norte, o presente relatório tem como objetivo realizar uma reflexão da literatura pertinente aos conteúdos trabalhados, bem como apresentar informações referentes aos resultados alcançados no decorrer do período de estágio.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O QUE É A ADOLESCÊNCIA?

Ser adolescente é viver um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais que, juntas, ajudam a traçar o perfil desta população. Atualmente, fala-se da adolescência como uma fase do desenvolvimento humano que faz uma ponte entre a infância e a idade adulta (FROTA, 2007).

É comumente associada à puberdade, palavra derivada do latim *pubertas-atis*, referindo-se ao conjunto de transformações fisiológicas ligadas à maturação sexual, que traduzem a passagem progressiva da infância à adolescência (FROTA, 2007).

Segundo esta tendência, a adolescência é considerada uma etapa de transição entre a infância e a idade adulta, tendo como base as transformações puberais, de caráter biológico, que, por sua vez, desencadeariam mudanças psicológicas e sociais, até atingir a maturidade (PERES; ROSENBUR, 1998).

Adolescência, portanto, deve ser pensada para além da idade cronológica, da puberdade e transformações físicas que ela acarreta, dos ritos de passagem, ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural. (FROTA, 2007).

2.2 ADOLESCÊNCIA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Segundo Erickson (1987), a construção da identidade é social e acontece durante toda a vida, desde o seu nascimento o homem inicia uma longa e constante interação com o meio em que está inserido, mas considera a adolescência um período ímpar: o estabelecimento da identidade.

Aberastury e Knobel (1981) destacam que a adolescência é um período crucial na vida da pessoa, o mesmo atravessa três momentos fundamentais: o primeiro é o nascimento, o segundo surge no final do primeiro ano, e o terceiro momento aparece na adolescência.

Conforme Erickson (1976), o período da adolescência é marcado por diversos fatores, mas, sem dúvida, o mais importante é a tomada da consciência de um novo espaço no mundo, a entrada em uma nova realidade que produz confusão de conceitos e perda de certas referências.

Assim, o que preocupa fundamentalmente o adolescente é “quem e o que são” aos olhos de um círculo mais amplo de pessoas significativas, em comparação com o que eles próprios chegaram a sentir que são. (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003).

A adolescência nem sempre existiu como um período específico de desenvolvimento, que fosse necessário uma atenção especial pela constituição de uma identidade a qual, necessitaria de um intervalo de tempo (AVILA, 2005).

Para Rappaport (2003), salienta que o adolecer é um dos eventos cheios de armadilha que os adolescentes têm de enfrentar na vida. Assim, a necessidade de criar os próprios rituais de passagem está presente em todos os períodos da vida.

Segundo Ávila (2005), a busca de reconhecimento das determinações sociais de fenômenos como a adolescência, a concepção sócio histórica abandona as visões naturais e concebe o homem como um ser histórico, constituído em seu movimento, nas relações sociais, fazendo parte de uma cultura.

Senna e Dessen (2012) Reconhecida na sua complexidade, a família é responsável por conduzir o adolescente à compreensão de conceitos e valores básicos, ao engajamento na realização de tarefas e papéis sociais cada vez mais diversificados e complexos, e ao desenvolvimento de competências sociais..

É preciso que o adolescente seja acompanhado e estimulado, além de reconhecido nas suas peculiaridades, estabilidades e mudanças sistemáticas, que ocorrem concomitantes às transições dos seus contextos (SENNA; DESSEN, 2012).

2.3 SEXUALIDADE NA ADOLÊSCENCIA

Segundo Mariussi (2010), a sexualidade quase sempre é confundida com o sexo, que embora sejam derivados um do outro, são coisas diferentes. Quando falamos de sexualidade estamos referindo sobre a capacidade de expressar nossos sentimentos, já o sexo se reporta ao ato sexual.

Mariussi (2010) diz que as dúvidas, a precipitação, a visão confusa e distorcida quando o assunto em pauta versa sobre sexualidade ou sexo é muito comum. Esses comportamentos são o resultado da omissão que a família mantém por gerações e gerações.

De acordo com Mariussi (2010), o importante é que os filhos consigam ter um canal de confiança, e que assim consigam dialogar sobre suas descobertas, medos e angústias. Nas quais serão feitas as confidências e o adulto irá orientá- los nesse momento.

Para Castro, Abramovay e Silva (2004), o tema ligado à interrupção da vida nos novos tempos são coisas como, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e a gravidez, estas mostram debates sobre a sexualidade e a juventude.

Castro, Abramovay e Silva (2004), relatam que a insegurança, medo, falta de informação podem ocasionar em uma gravidez não planejada e até mesmo em alguma DST, tudo isso podendo derivar como uma forma compensatória, ocorrendo não só na adolescência, mas também para mulheres.

Tal qual Castro, Abramovay e Silva (2004), a gravidez na adolescência pode limitar sua educação, reduzir a qualidade de vida, restringir determinados trabalhos, fazendo com que no futuro tenham maiores chances de não estarem bem economicamente.

Já Cecarello (2011), diz que para entender como funciona o lado afetivo e sexual do ser humano é necessário esclarecer alguns conceitos. Como por exemplo: a identidade de gênero, o seu papel e o modo de ser.

Cecarello (2011), diz que a orientação sexual é a sensação de nos relacionar de forma amorosa ou sexual com um determinado gênero, seja em trocas de sentimentos, de desejo, sensações prazerosas, paixão etc.

Para Cecarello (2011), é necessário o autoconhecimento, na qual os pais também terão responsabilidades nesse processo. Geralmente é na adolescência que os mesmos se “descobrem”, e tomam conhecimento do que lhe atrai.

2.4 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES

A gravidez na adolescência acontece entre 10 e 19 anos e constitui tema de grande relevância na realidade social brasileira. Apesar de ser considerada, por muitos pesquisadores problema social ou de saúde pública de mecanismos gerados pela própria sociedade (DADOORIAN, 2003).

Conforme Frascisconi (2014) Uma das causas apontadas pela autora para este fato seria a busca de identidade dos jovens que nesta fase acreditam que estão prontos para o mundo e nesta coragem acabam cometendo erros como o de não se prevenir de uma possível gravidez ou uma DSTs.

Isso acontece por falta de experiência e conhecimento, além da irresponsabilidade consigo próprio em achar que nada acontece a si. Existem outros fatores que devem ser observados como possíveis predisponentes da gravidez (DADOORIAN, 2003).

Outra característica observada por Hirata (2005) que também aumentam o risco de gravidez na adolescência são as necessidades de se auto afirmarem a identidade sexual, conflito com padrões tradicionais, desejo de se sentirem adultos, influência do grupo de amigos etc.

Os adolescentes procuram uma identidade em grupo porque necessitam de estima e aceitação. É comum em grupo uma semelhança no modo de se vestir e falar. A popularidade com o sexo oposto, assim como os de mesmo sexo torna-se importante durante a adolescência (RAPPAPORT, 2003).

A adolescência é uma fase de desorganização psíquica em que o adolescente não possui ainda a capacidade de organizar os conflitos e aspectos primitivos que vêm à tona e, ao lidar com seus impulsos agressivos e sexuais, muitas vezes o descarrega em uma ação para satisfazer os desejos (SANTOS 2009).

Porém, quando essas ações são impensadas, conforme Santos (2009), podem ir de encontro com uma grande mudança ou uma nova realidade e terminar em uma gravidez prematura e indesejada que tem como principal consequência uma problemática nos níveis biológicos e psicossociais.

Guimarães (2001) aponta algumas consequências psicossociais da gravidez na adolescência: limitação de oportunidades vocacionais, estudo interrompido, persistência na pobreza, separação dos pais do bebê e repetição da gravidez.



Para Hirata (2005), a gravidez nessa fase, segundo a autora, quase sempre vem acompanhada de medo, culpa e vergonha e a maior problemática relacionada a esta questão é que devido, principalmente, a vergonha da sua situação, a maioria das adolescentes grávidas abandona os estudos.

Guimarães (2001) ressalta que mesmo que prevaleça o desejo da maternidade nessa fase do desenvolvimento, os adolescentes precisam estar cientes de todo o leque de implicações e consequências que poderão advir dessa decisão.

Conforme Guimarães (2001), não se trata somente de uma questão individual: trata-se também de um problema populacional que deve ser objeto de políticas públicas, tendo em vista que esta não pode estar apenas ancorada na transmissão de informações relativas à contracepção e a proteção.

Gonçalves (2013) relata o desencadeamento de uma série de problemas psicossociais causados por uma gravidez precoce e aponta que não é suficiente o atendimento de saúde prestado aos jovens.

2.5 ADOLESCÊNCIA E A IMPLICAÇÃO SÓCIO AFETIVA

De acordo com Elias, Tobias e Friedlander (2001), a adolescência é um processo que todos iremos passar e não um ciclo final, nesse momento é muito importante ter uma boa estrutura familiar, pois eles precisam ajudar seus filhos.

Elias, Tobias e Friedlander (2001), relatam que a família precisa saber que existem quatro ingredientes fundamentais para que se tenha uma boa inteligência emocional neste período, que são: o amor, o bom humor, a firmeza e os laços afetivos.

Para Elias, Tobias e Friedlander (2001), a passagem para a vida adulta traz um sentimento emergente de “quem sou eu”, essa estrada será marcada por escolhas a tomar que muitas vezes não terão volta, por isso é tão importante providenciar bons instrutores na direção.

Para Goleman (1995), aprender a lidar com seus sentimentos também é primordial, de posse disso as pessoas conseguem ter um amadurecimento pessoal. As competências e atividades sociais são eficazes na relação com os outros.

Segundo Goleman (1995), os sinais emocionais sempre são enviados para o outro, quanto mais hábeis somos em uma relação, melhor o convívio com estas, a sociedade assim se comportaria de forma mais educada.

2.6 ADOLESCÊNCIA E AS DROGAS

O uso de drogas é um fenômeno multidimensional, que pode acontecer durante a adolescência, quando também podem surgir outros transtornos psicológicos, comportamental e social (MARQUES; CRUZ, 2000).

Os autores defendem a ideia da importância do sistema familiar nas intervenções para prevenção e tratamento da dependência de álcool e outras drogas, tendo em vista que a maioria do suporte socioeconômico vem dos pais. (MARQUES; CRUZ, 2000).

: O uso/abuso de drogas vem sendo considerado um problema de grande transcendência social e, em face disso, requer políticas de controle e combate a este uso/abuso. Tais políticas são de várias ordens, abrangendo múltiplos setores da sociedade: segurança pública, apoio social, saúde, entre outros. (ALMEIDA FILHO et al., 2007)

Para Schenker & Minayo (2003), Para os autores, a iniciação precoce, a suscetibilidade herdada ao uso de drogas e a vulnerabilidade ao efeito dessas também são aspectos de risco a serem considerados, pois, a vulnerabilidade na qual se encontra o adolescente.

A presença quase que cotidiana das drogas na vida em sociedade torna o tema bastante complexo, pois, se por um lado, se identificam discursos que intentam construir uma imagem negativa da droga, por outro, há tantos outros que a constroem de forma positiva. (ALMEIDA FILHO et al., 2007)

A questão da mídia articulada à formação de hábitos e incentivo ao uso de drogas precisa ser considerada nas ações de promoção à saúde dos adolescentes; contudo, não se pode a ela atribuir toda a responsabilidade por tais problemas (ALMEIDA FILHO et al., 2007).

2.7 A VIOLÊNCIA E A ADOLESCÊNCIA ENQUANTO PROCESSO SOCIAL

De acordo com Minayo (1990), a adolescência tem se tornado um tema de muitos interesses científicos. Tais estudos apontam-na como fenômeno biológico, uma etapa da vida humana, na qual o corpo da criança faz sua maravilhosa transformação para a vida adulta.

No entanto, Ericson (1976) institucionalizou a adolescência, caracterizando-a como uma fase especial no processo do desenvolvimento em que há confusão de papéis, dificuldades para estabelecer uma identidade própria e uma fase “misturada” entre a infância e a vida adulta.



Para este conceito Knobel (1989) introduziu a noção de “síndrome normal da adolescência”, caracterizada por uma série de fases sintomatológicas, mas que não significa que está identificada a algo patológico, porém, serve somente para facilitar a compreensão desse período da vida.

Ericson (1976) ressalta que devido a adolescência ser caracterizada como um período de desequilíbrio psíquico, carregada de comportamentos instáveis em virtude dos conflitos internos associados à maturação sexual.

A esse respeito, Minayo (1990) ressalta que: “Numa formação social como a nossa, marcada pela divisão de classes e por uma complexa rede de organização social, a adolescência tem que ser compreendida dentro das especificidades históricas, socioeconômicas, políticas e culturais.

Ao tomar a questão da violência associada à adolescência no Brasil, essas variáveis são fundamentais, mesmo porque, se não existe "adolescência em geral", não há também "violência em geral". (MINAYO, 1990 pag. 290).

Para Catroli e Rosa (2013), a complexa relação entre juventude e violência aponta a questão da falta de perspectivas nos projetos de vida, de formas individual e coletiva, como aspecto fundamental de causalidade. Em geral, as ações propostas de prevenção procuram preencher o vazio da formação desses grupos.

Da mesma forma, a participação do estado respeitando as necessidades básicas dessa população não pode ser esquecida, pois contribui para elevar a autoestima e promover o sentimento de pertencimento à sociedade. (RUZANY; MEIRELLES, 2009)

Para Guerra (2006), as redes de combate à violência devem necessariamente reunir representantes do poder público e das organizações da sociedade civil, pois todos os casos de violência devem ser obrigatoriamente notificados. Para isto, faz-se necessário a implementação de Políticas Públicas na temática.

2.8 A ESTRUTURA FAMILIAR E A IMPORTÂNCIA PSICOLÓGICA NA ADOLESCÊNCIA

O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na estruturação da personalidade, além de influenciar no comportamento de cada membro. (DRUMMOND & DRUMMOND FILHO, 1998)

A instituição é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes. Sendo assim, a família tem como finalidade estabelecer formas e limites para as



relações estabelecidas entre as gerações mais novas e mais velhas propiciando a adaptação do indivíduo para viver em sociedade. (SIMIONATO-TOZO, 1998)

Segundo Osório (1996), uma das funções psicológicas seria a de fornecer suporte nos conflitos existentes dos seres humanos durante o seu desenvolvimento, os conflitos são muito comum na adolescência.

Scabini (1992), diz que o ciclo vital pode ser marcado tanto por eventos críticos previsíveis (nascimento, adolescência, casamento) quanto por eventos críticos não previsíveis (separações, doenças, perdas), o que acaba influenciando diretamente no processo de desenvolvimento da família.

Para Osório (1996), Neste sentido, vale ressaltar que puberdade e adolescência, apesar de estarem diretamente relacionados os mesmos são fenômenos específicos, ou seja, enquanto a puberdade envolve transformações biológicas, a adolescência refere-se aos componentes psicológicos e sociais.

Vale ressaltar que uma família facilitadora do crescimento emocional e promotora de saúde, não é aquela com ausência de conflitos. A qualidade de vida centra-se na possibilidade que o sistema familiar tem de encontrar alternativas para a solução dos seus problemas (FÉRES-CARNEIRO, 1992).

2.9 ESCOLHA PROFISSIONAL

Segundo Mello (2002) a opção por uma profissão nem sempre é algo fácil e pode tornar se uma tortura para o jovem que necessita posicionar se. Isso ocorre porque normalmente a escolha é feita numa época de transformações e mudanças físicas e psíquicas, o que por si só já gera conflitos.

De acordo com Valore (2002) o processo de Orientação Profissional é um método de intervenção, mais do que um conjunto de procedimentos, representa uma estratégia do pensamento, uma articulação de conceitos e de proposições.

Levenfus (1997) considera a Orientação Vocacional Ocupacional um processo mais abrangente, que diz respeito não somente a informação das profissões, mas a toda uma busca de conhecimento a respeito de si mesmo, características pessoais, familiares e sociais do orientando.

Quando ao termo orientação, Levenfus (1997) prefere entende-lo como auxiliar terapêutico alguém a encontrar um direcionamento para a sua vida, por meio de reconhecimento de uma identidade profissional, a partir do conhecimento de seu mundo interno e do mundo ocupacional.



Para Fierro (1995) a adolescência é um período e um processo: de ativa desconstrução de um passado pessoal, abandonado e definitivamente preterido; de processo e construção do futuro, a partir de uma enorme potencial e acervo de possibilidades ativas que o adolescente possui e em consciência de possuir.

Segundo Fierro (1995) o tema vital mais importante na personalidade é o do desenvolvimento do eu e da identidade pessoal e esse tema é vinculado à própria história do adolescente. É na adolescência que o ser humano começa a tecer o próprio relato pessoal e esse relato constitui o discurso fundamentador da identidade pessoal.

Lisboa (1997) diz que após o nascimento, é a adolescência a segunda fase em grau de transformações maiores e significantes tanto física quanto emocionalmente e onde a continuação da evolução do ser humano e a entrada em um processo que levará a ser a vida adulta.

2.10 GÊNERO

Segundo Foucault (2001) sexo refere-se ao dado físico biológico, marcado pela presença de aparelho genital e outras características fisiológicas que diferenciam os seres humanos como machos e fêmeas.

Para Foucault (2001) Gênero refere-se ao dado social, formado por um aparato de regras e padrões de construção corporal e comportamento que configuram a identidade social das pessoas a partir do substrato físico biológico, do que resultam identificações como masculino e feminino.

Conforme Foucault (2001) Sexualidade refere-se ao dado sexual, que se define pelas práticas eróticas sexuais nas quais as pessoas se envolvem, bem como pelo desejo e atração que leva a sua expressão (ou não) através de determinadas práticas.

Para Louro (2004) A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais.

Para Louro (2004), as muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra.

Conforme Louro (2004) A existência de gêneros é a manifestação de uma desigual distribuição de responsabilidade na produção social da existência. A sociedade estabelece uma distribuição de responsabilidades que são alheias às vontades das pessoas.



As relações de gênero refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres. “Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero” (Saffioti, 1992, p. 10).

Para Saffioti (1992) O “quem somos” vai se constituindo através das relações com os outros, com o mundo dado, objetivo. Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal, uma história de vida e um projeto de vida.

2.11 POLÍTICAS PÚBLICAS DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

De acordo com Afonso (2009), a Política Nacional da Assistência Social (PNAS) teve seu marco inicial legal a partir da Constituição Federal (CF 1988) e em 2004, com base nesta e na Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), foi instituída.

A CF possibilita ainda o exercício da cidadania em outros vieses, tais como a participação do cidadão na discussão e formulação de novas Políticas Públicas tanto em instâncias de controle social quanto no cotidiano dos serviços através de relações e vínculos com a população (AFONSO, 2009, p.6).

Para tal, o sujeito social não pode se limitar a ser um usuário que acessa, com a proteção do Estado, uma série de serviços, mas precisa ser visto como alguém potencialmente capaz de agir, reivindicar, refletir, construir, ou seja, é um ator social dotado de subjetividade (AFONSO, 2009, p.6).

Para melhor trabalhar esses conceitos, em 1993 foi promulgada a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que torna possível a Assistência Social se configurar como dever do Estado e um direito do cidadão (LOAS, 2012).

Esta organização foi disposta na LOAS sob a forma de sistema descentralizado e participativo, denominado Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que é o meio de assegurar a efetivação dos dispositivos constitucionais de garantia do direito à assistência social (BRASIL, 2009).

De acordo com Brasil (2005), o SUAS é um sistema descentralizado e participativo, que tem por função a gestão do conteúdo específico da Assistência Social no campo da proteção social brasileira e constitui-se na regularização e organização em todo território nacional.



Ações essas, baseadas nas orientações da nova Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Nesta concepção, o SUAS compõe-se de uma rede de serviços, ações e benefícios de diferentes complexidades que se organizam por níveis de proteção social: Básica e Especial (BRASIL, 2005).

O SUAS define e organiza os elementos essenciais e imprescindíveis à execução da política de assistência social possibilitando a normatização dos padrões nos serviços, qualidade no atendimento, indicadores de avaliação da rede sócio assistencial e os eixos estruturantes e de subsistemas (PNAS, 2004, P. 37).

Segundo o documento do PNAS (2004) essa política destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação e / ou fragilização de vínculos afetivos relacionais e de pertencimento social.

Segundo a PNAS (2004), esse serviço destina-se a família e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social, cujos direitos tenham sido violados ou ameaçados por ocorrência de abandono, maus tratos físicos e/ou psíquicos, entre outras.

3. METODOLOGIA

O relatório final de estágio supervisionado constitui-se como uma das exigências da disciplina do Estágio Básico – Práticas Grupais: Levantamento de Demanda e Planejamento de Ações, e este teve como finalidade apresentar os resultados através dos temas propostos: drogas: uso e consequências pessoais e sociais, sexualidade, diversidade de gênero: etnia e estereótipos, crise e conflito familiar, grupo de amigos e escola.

Possível trabalho Inter setorial CREAS II Cultura da paz e a não violência, atividade no CMEI em comemoração ao dia das crianças, preconceitos, inserção no mundo do trabalho, formas de violência: física, sexual, psicológica, econômica e social, atividade no CRAS CEU, construção histórica dos direitos e deveres no Brasil, acesso a Seguridade Social, atividade Recanto Xavante e encerramento (Construção de cartilha dos resultados do serviço SCFV).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Estágio Básico – Práticas Grupais: Levantamento de Demanda e Planejamento de Ações realizado junto ao CRAS 14 de Novembro foi muito significativo, pois proporcionou-nos a



oportunidade de aproximação e reflexão da realidade dos adolescentes daquele bairro, bem como proporcionou-nos o importante exercício do ensinar e do aprender, através da relação de troca entre nós estagiárias, os adolescentes e a toda a equipe pedagógica daquela instituição.

Lopes (2009, p. 13), quando pontua que as relações afetivas na Inter-relação professor/aluno são fundamentais para a aprendizagem, sendo igualmente essencial para o crescimento das atividades e do pensamento do ser humano, proporcionando condições para a construção da consciência.

Neste sentido, percebeu-se que houve um considerável aumento no vínculo, principalmente entre os adolescentes e nós estagiárias, se comparado à timidez inicial e o desenvolvimento percebido naqueles.

No entanto, desenvolver um trabalho que propicie o fortalecimento pessoal dos sujeitos é parte do processo de fortalecimento de vínculos. Deste modo, acreditamos que as temáticas que nortearam os encontros foram muito bem vindas para a turma, visto que, segundo relatos da supervisora do CRAS de constatações próprias, houve percepção de mudanças positivas com maior abertíssimo nas relações interpessoais entre os adolescentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do estágio obrigatório foi esboçar as considerações a respeito do método de atividades socioeducativas com o objetivo de prevenção para adolescentes através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (SCFV), considerando que a maioria dos adolescentes que participam do grupo possui histórico de vulnerabilidade social, e em alguns casos o rompimento de vínculos familiares, pois residem somente com um de seus familiares ou com a família acolhedora.

Discorreu-se sobre o serviço na cidade de Cascavel – PR, no CRAS XIV de Novembro, com uma explanação a respeito dessa fase da adolescência e o que implicaria na construção saudável da mesma, trabalhando juntamente com as Políticas Públicas de Assistência Social, sendo que um dos objetivos foi verificar se a prática psicológica do grupo de adolescentes contemplam os objetivos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Nesse sentido, conforme descrito no decorrer do artigo, de uma forma resumida a adolescência é marcada pela tomada de consciência de um novo lugar no mundo e pelo início de uma nova realidade repleta de confusões no qual muitas vezes ocorre a perda de referências e,



ainda, pelas mudanças de uma nova autoimagem corporal, já que sua aparência também passa por grandes transformações.

Diante das reflexões aqui apontadas avaliamos que as atividades desenvolvidas no grupo foram de extrema valia no processo de empoderamento dos adolescentes atendidos, pois percebemos ao longo dos meses que após a criação de vínculo, os mesmos se tornaram participativos e levando para fora o que lhe foi ensinado. As mudanças positivas de comportamento, temperamento, autoconhecimento e autocontrole foram extremamente visíveis.

Em relação aos temas desenvolvidos, inicialmente foi elaborado um planejamento no qual havia todos os temas que deveriam ser trabalhados no decorrer do ano, mas percebemos que poderíamos mesclar entre aqueles temas que venham contemplar os objetivos do serviço e os demais temas sugeridos pelos adolescentes, e também atividades culturais como, por exemplo: passeios no lago, cinema, museu, biblioteca, contribuíram muito, no sentido da participação e o convívio em outros espaços, os quais contribuíram para sua formação enquanto cidadão.

Concluimos este trabalho com um sentimento de felicidade imensa, por termos contribuído de certa forma na vida dessas pessoas, e com uma tristeza infinita por saber que 84 não estaremos mais participando do grupo. O crescimento que tivemos no estágio não poderá ser definido em palavras, mas será uma experiência levada para a vida toda, e para a finalização deste, agradecemos a nossa supervisora, no qual contribui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL. M. **Adolescência normal**. Tradução de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

AFONSO, M. L. M.; Vieira-Silva, M.; Abade, F. L.; Abrantes, T. M.; Fadul, F. M. **A Psicologia no Sistema Único de Assistência Social**. Texto apresentado no I Congresso de Psicologia e Direitos Humanos. UNA, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: . Acesso em 02/11/2016.

ALMEIDA FILHO, Antonio José de et al. **O ADOLESCENTE E AS DROGAS: CONSEQÜÊNCIAS PARA A SAÚDE**. 2007. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2016. AVILA, Sueli de Fatima Ourique de. **A adolescência como ideal social**. 2005. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2016.

AVILA, Sueli de Fatima Ourique de. **A adolescência como ideal social**. 2005. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2016.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Secretaria Nacional de Assistência Social. Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004.** Brasília, Nov. de 2004. Disponível em: . Acesso em 02/11/2016.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade.** Brasília: Unesco, 2004. 428 p.

CATROLI, Viviani S. C. e ROSA, M. D. .**O laço social na adolescência: a violência como ficção de uma vida desqualificada.** Estilos clin. 2013, vol.18, n.2, pp. 297-317. ISSN 1415- 7128. Disponível em: . Acesso em 08/06/2017.

CECARELLO, Carla. **Sexualmente: Nós queremos discutir a relação.** São Paulo: Biblioteca 24horas, 2011. 162 p.

DADOORIAN, D. **Pronta para voar: um novo olhar sobre a gravidez na adolescência.** In: Psicologia Ciência e Profissão, 2003, 21(3), 84-91. Disponível em: Acesso em 30/10/2016.

DRUMMOND, M. & DRUMMOND Filho, H. (1998). **Drogas: a busca de respostas.** São Paulo: Loyola ELIAS, Maurice J.; TOBIAS, Steven E.

ELIAS, Maurice J.; TOBIAS, Steven E.; FRIEDLANDER, Brian S.. **A adolescência e a Inteligência Emocional: Como criar filhos com amor, bom humor e firmeza.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 263 p. Tradução Maria Inês Duque Estrada.

ERIKSON, Erik. **Infância e Sociedade.** Tradução de Orton e Company. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1976.

FÉRES-CARNEIRO, T. (1992). **Família e saúde mental.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 8, 485-493.

FIERRO, A. (1995). **Desenvolvimento da personalidade na adolescência.** In: Coll, C. Palacios, J. & Marchesi, A. Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. (p. 288-298). Porto Alegre: Artes Médicas.

FRANCISCONI, C. A. J. **Gravidez na adolescência – Um problema social.** In: Caderno PDE versão online, 2014. Disponível em: . Acesso em 30/10/2016.

FRIEDLANDER, Brian S.. **A adolescência e a Inteligência Emocional: Como criar filhos com amor, bom humor e firmeza.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 263 p. Tradução Maria Inês Duque Estrada.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade – Vol. 1.** 14a ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=161&cod_boletim=9&tipo=Artigo

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção.** 2007. Disponível em: . Acesso em: 02 nov. 2016.

GOLEMAN, Daniel. **INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: A teoria revolucionária que redefine o que é ser INTELIGENTE**. 62. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. 374 p. Tradução Marcos Santarrita

GONÇALVES, R. C., FALEIRO, J. H. & G. MALAFAIA. **Educação sexual no contexto família e escolar: impasses e desafios**. In: HOLOS, Ano 29, Vol. 5, 2013. Disponível em: . Acesso em 30/10/2016.

GUERRA, V. N. A. **Como organizar redes de combate à violência doméstica contra crianças e adolescentes?** Org. Ter. Setor – Módulo III – julho/2006 – Fundação Getúlio Vargas – SP. Disponível em: < www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/COMO_ORGANIZAR.doc>. Acesso em 08/06/2017.

GUIMARÃES, E. M. B. **Gravidez na adolescência: uma visão multidisciplinar**. In *Pediatria Moderna*, 2001. 37, 29-32. Disponível em: . Acesso em 30/10/2016.

HIRATA, M. **Os aspectos psicossociais da gravidez na adolescência**. In: *Iniciação Científica CESUMAR Jul.Dez.* 2005, Vol. 07, n.02, pp. 157 – 168. Disponível em: . Acesso em 30/10/2016

Knobel, M. **A Síndrome da adolescência normal**. In A.Aberastury & M. Knobel *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Knobel, M. (1997). **Aspectos conscientes e inconscientes na orientação vocacional**. In: Levenfus, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional*. (p. 21-29) Porto Alegre: Artes Medicas.

Levenfus, R. S. (1997). **Orientação vocacional ocupacional: á luz a psicanalise**. In Levenfus, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lisboa, M. D. (1997). **Ser quando crescer... A formação a identidade ocupacional**. Em Levenfus, R. S. *Psicodinamica da escolha profissional*. (p. 109-122). Porto Alegre: Artes Meicas.

LOAS - **Comentários à Lei Orgânica da Assistência Social** – Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993 - Escola da Advocacia-Geral da União Ministro Victor Nunes Leal - Ano VII, n. 36. (jan./fev. 2015). Brasília: EAGU, 2012. Disponível em: . Acesso em 12/10/2016

LÓPEZ, I Sarramona. **Educação na família e na escola: o que é, como se faz**. 2.ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARIUSSI, Eliany. **Educação sexual começa em casa: Uma conversa com a família sobre sexualidade**. Maringá: Clichetec, 2010. 142 p.

MARQUES, Ana Cecília PettaRoselli; CRUZ, Marcelo S. **O adolescente e o uso de drogas**. 2000. Disponível em: Acesso em: 25 out. 2016.

MELLO, F. A. F. (2002). **O desafio da escolha profissional**. São Paulo: Papyrus, 240 p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712003000100013

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **A violência na adolescência: um problema de saúde pública**. 1990. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2016.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social - SNAS. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004**. Norma Operacional Básica (NOB/SUAS). Brasília, nov. de 2005. Disponível em: . Acesso em 12/10/2016.

OSÓRIO, L. C. (1996). **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas.

RAPPAPORT, C. R. **Encarando a adolescência**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2003

RUZANY, Maria Helena; MEIRELLES, Zilah Vieira. **Adolescência, juventude e violência: identificação, abordagem e conduta**. 2009. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2016.

SAFFIOTI, H.I.B. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) Uma Questão de gênero. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SANTOS, C. A. C. **Gravidez na adolescência: falta de informação?** In: Adolescência & Saúde. Vol. 6, nº 1, abril 2009. Disponível em: . Acesso em 30/10/2016.

SCHOEN-FERREIRA, T. H. et al. **A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório**. In: Estudos de Psicologia, 2003, 8(1), 107-115. Disponível em: Acesso em: 29/10/2016.

SCABINI, E. (1992). **Ciclo de vida familiar e de saúde familiar**. Manuscrito não publicado. Universidade Católica do Sagrado Coração. Milão, Itália

SCHENKER, M. & MINAYO, M. C. S. (2003). **A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica**. Ciência & Saúde Coletiva, 8(1), 707-717

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência**. 2012. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2016.

SIMINONATO-TOZO, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). **O cotidiano e as relações familiares em duas gerações**. Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação, 8(14/15), 137-150

Valore, L.A. (2002). **Orientação Profissional na Escola Pública: direções possíveis, desafios necessários**. In Levenfus, R. S., Soares, D. H. P. (Org). Orientação Vocacional Ocupacional: novos achados teóricos , técnicos e instrumentos para a clínica, escola e a empresa. (p.115-131). Porto Alegre: Artes Medicas.